

UMA CONSTELAÇÃO DE FENÔMENOS VITAIS

ANTHONY MARRA

Uma constelação de fenômenos vitais

TRADUÇÃO DE FABIANA DE CARVALHO



Copyright © Anthony Marra, 2013

Edição publicada mediante acordo com Crown Publishers, um selo de Crown Publishing Group, uma divisão de Random House, Inc.

TÍTULO ORIGINAL

A Constellation of Vital Phenomena

PREPARAÇÃO

Valéria Prest

Juliana Pitanga

REVISÃO

Suelen Lopes

DIAGRAMAÇÃO

editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M322u

Marra, Anthony

Uma constelação de fenômenos vitais / Anthony Marra ;
tradução Fabiana de Carvalho. – 1. ed. – Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2014.

336 p. ; 16 x 23 cm

Tradução de: A constellation of vital phenomena

ISBN 978-85-8057-552-1

1. Romance americano. I. Carvalho, Fabiana de. II. Título.

10-0145.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para meus pais e minha irmã

E foi essa morte que a bardana esmagada, em meio do campo arado, me fez lembrar.

— Liev Tolstoi, *Khadji-Murát*

O PRIMEIRO E O SEGUNDO DIAS

CAPÍTULO 1

1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004

Na manhã após os oficiais terem queimado sua casa e levado seu pai, Havaa acordou de sonhos com anêmonas-do-mar. Enquanto a garota se vestia, Akhmed, que não dormira nada, deu um passo para fora do quarto, olhando para o céu brilhante do outro lado da vidraça; o sol nascente nunca tinha feito com que se sentisse atrasado. Quando Havaa saiu do quarto, parecendo ter mais do que seus oitos anos, ele pegou a mala da menina e ela o seguiu para fora pela porta da frente. Akhmed levou-a até o meio da rua antes de levantar os olhos para ver o que fora a casa dela até a noite anterior.

— Havaa, precisamos ir — disse ele, mas nenhum dos dois se moveu.

A neve afundava ao redor de suas botas enquanto eles olhavam fixamente para a enorme faixa de cinzas no chão do outro lado da rua. Algumas brasas cor de laranja chiavam nas poças de neve acinzentada, mas todo o resto estava carbonizado. Não mais do que sete anos antes, Akhmed ajudara Dokka a construir um cômodo para que a menina pudesse ter o próprio quarto. Ele havia desenhado a planta, serrado a madeira e a cortado em tábuas para transformá-las em um quarto; e quando Dokka prometeu que o ajudaria a construir um anexo caso ele tivesse um filho, Akhmed agradeceu ao amigo e foi para casa, com o nó na garganta evoluindo para um soluçar quando a porta se fechou atrás dele. Carregar aquela lenha por quarenta metros desde a floresta deixara as articulações de seus dedos com bolhas e as axilas encharcadas; no entanto,

algumas horas de chamas tinham tomado o que ele levava meses para projetar, semanas para carregar, dias para construir; tudo a não ser rebites e pregos, tudo menos dobradiças e parafusos, tudo pelos ares. E também haviam sido levados os pequenos tesouros que tinham feito daquela casa o lar de Dokka. Havia o tabuleiro de xadrez esculpido à mão que ficava em uma mesa lateral redonda; quando movido, o atarracado rei branco cambaleava, como um homem sóbrio o bastante apenas para ficar em pé, e Dokka batizou sua majestade de Boris Yeltsin. Havia o vaso de porcelana adornado com arabescos persas, e ao lado deste um rádio com toca-fitas e uma antena longa o suficiente para raspar no teto quando acomodada sobre uma lista telefônica, mas ainda assim curta para captar qualquer coisa além de estática. Havia o Alcorão de oitenta e cinco anos, a capa roxa retorcida e com caligrafia, que o avô de Dokka comprara em Meca. Havia essas coisas, porém as chamas as devoraram, e como o fogo não distingue a palavra de Deus da palavra do Escritório Soviético de Registro de Comunicações, tanto o Alcorão quanto a lista telefônica retornaram à Sua boca no mesmo sopro de fumaça.

Os dedos da menina envolviam o punho de Akhmed. Ele queria jogá-la sobre o ombro e correr para o norte até que a floresta engolisse a vila, mas, diante das madeiras enegrecidas, não conseguia reunir forças para trazer uma palavra de consolo aos lábios, para segurar a mão da garota, para mover seus pés na direção que queria.

— Esta é a minha casa. — A voz dela quebrou o silêncio de ambos, e ele ouviu aquilo como se fosse o único som em um corredor vazio.

— Não pense nela desse jeito — disse ele.

— De que jeito?

— Como se ainda fosse sua.

Akhmed enrolou o cachecol laranja ao redor do pescoço de Havaa e franziu a testa ao ver uma impressão digital de fuligem na bochecha da menina. Ele estava acordado na cama na noite anterior quando os agentes federais chegaram. Primeiro, o murmúrio de um motor a diesel, um ruído baixo que viria a temer mais do que tiros, e depois vozes falando em russo. Ele foi à sala de estar e puxou a cortina blecaute o máximo que se atreveu. Através do triângulo de vidro, faróis cortavam a noite. Quatro soldados, atarracados, bem alimentados, surgiram do caminho. Um deles bebia vodca de uma garrafa e xingava a neve cada vez que tropeçava. O avô desse soldado dissera-lhe, na manhã em que o neto se apresentou ao centro de alistamento de Vladivostok, que teria perecido na

então Stalingrado se não fosse pela bênção entorpecedora da vodca; o soldado, cujas bochechas eram marcadas devido a anos de aplicação de pasta de dente em sua acne de adolescente, acreditava que a guerra da Chechênia seria pior do que a de Stalingrado e racionava a vodca de acordo com essa lógica. De sua sala de estar, Akhmed queria gritar, bater um tambor, acender um sinal luminoso. Mas, do outro lado da rua, eles já tinham chegado à porta de Dokka e ele nem olhava para o telefone, que já estava sem linha havia dez anos. Bateram na porta uma, duas vezes, e por fim a derrubaram com um pontapé. Com a porta aberta, Akhmed via as tochas se movendo pelas paredes. Então se passaram os dois minutos mais longos de sua vida até que os soldados reapareceram na entrada com Dokka. A fita adesiva colada em sua boca se enrugava com seus gritos mudos. Eles lhe cobriram a cabeça com um capuz preto. Onde estava Havaa? O suor brotou da testa de Akhmed. Sentia as mãos intoleravelmente pesadas. Quando os soldados agarraram Dokka pelos ombros e pelo cinto, arremessando-o na traseira do caminhão e batendo a porta, o alívio que recaiu sobre Akhmed foi rapidamente substituído por uma autoaversão, porque ele estava vivo, seguro em sua sala de estar, enquanto no caminhão do outro lado da rua, a menos de vinte metros, Dokka era um homem morto. Estampada sobre o para-choque do caminhão em tinta branca via-se a designação 02, e isso significava que o veículo pertencia ao Ministério do Interior, que não existiria registro da prisão, que Dokka nunca haveria sido oficialmente levado e que ele jamais voltaria.

— Onde está a menina? — perguntaram-se os soldados. — Ela não está aqui.

— E se ela estiver se escondendo embaixo das tábuas do assoalho?

— Ela não está.

— Dê uma olhada, só por garantia.

O soldado bêbado destampou um galão de gasolina e entrou aos tropeções na casa de Dokka; quando voltou à soleira, atirou um fósforo para trás e fechou a porta. As chamas começaram a subir pelas cortinas da frente. As vidraças se turvaram no peitoril. Onde estava Havaa? Quando o caminhão finalmente partiu, o fogo já havia se espalhado pelas paredes e pelo teto. Akhmed esperou até que as lanternas traseiras tivessem se reduzido ao tamanho de cerejas antes de atravessar a rua. Percorrendo um amplo círculo ao redor das chamas, entrou na floresta atrás da casa. Suas botas destruíam a vegetação rasteira congelada e ele poderia ter contado os pedaços de tocos de árvore à luz do fogo. Atrás da casa,

escondido entre as árvores, o rosto da menina cintilava. Faixas de pele pálida apareciam abaixo de seus olhos, destacando a cinza em suas bochechas.

— Havaa — chamou ele.

Ela sentou-se em uma mala e não respondeu ao chamado. Ele a segurou como uma pilha de gravetos soltos em seus braços, carregou-a para a casa dele e com uma toalha úmida limpou a cinza de sua testa. Akhmed acomodou-a na cama, ao lado da esposa inválida, mas não sabia o que fazer em seguida. Poderia ter saído novamente e atirado bolas de neve na casa em chamas, ou se deitado na cama para que a menina sentisse o calor de dois corpos adultos, ou realizado a ablução, um ritual de purificação com água limpa e orações, e se prostrado. No entanto, ele concluíra a *isha'a* horas antes e, se cinco orações diárias não haviam protegido a casa de Dokka, uma sexta não apagaria as chamas. Em vez disso, foi até a janela da sala de estar, abriu as pesadas cortinas e viu a casa que ajudara a construir sendo consumida pelo fogo. E agora, de manhã, enquanto apertava o cachecol laranja ao redor do pescoço de Havaa, encontrou uma impressão digital em sua bochecha, e, como havia chance de ser de Dokka, deixou-a.

— Aonde vamos? — perguntou a menina.

Ela estava parada sobre as marcas congeladas deixadas pelos pneus na noite anterior. A neve se espalhara por todos os lados. Akhmed não tinha se preparado para isso. Ele não conseguia imaginar por que os agentes queriam Dokka, muito menos a menina. Havaa não passava da altura de sua barriga e não pesava mais do que um cesto de lenha, mas para Akhmed ela parecia uma imensa e opressora criatura a quem ele estava destinado a desapontar.

— Vamos ao hospital da cidade — respondeu ele, com o que esperava ser um tom assertivo de voz.

— Por quê?

— Porque o hospital é seguro. É para onde as pessoas vão quando precisam de ajuda. E conheço alguém lá, uma médica também — disse ele, embora tudo o que soubesse fosse o nome dela. — Ela ajudará.

— Como?

— Vou perguntar se você pode ficar com ela.

O que ele estava dizendo? Como a maioria de seus planos, esse parecia vigoroso em sua mente, mas caiu como uma ave que não consegue alçar voo quando lançada ao ar. A garota franziu a testa.

— Ele não vai voltar, vai? — perguntou Havaa.

Ela mantinha o foco na mala de couro azul que estava na rua entre eles. Oito meses antes, seu pai lhe pedira que preparasse a mala e a deixasse no armário, onde havia ficado até a noite anterior, quando ele a pressionou nas mãos de Havva e a empurrou para fora, pela porta dos fundos, no momento em que os agentes invadiram a casa pela frente.

— Acho que não.

— Mas você não sabe?

A pergunta não era uma acusação, contudo Akhmed a interpretou dessa forma. Seria ele um médico tão incompetente a ponto de a menina hesitar em confiar-lhe a vida do pai mesmo em uma especulação?

— Devemos ficar em segurança — foi sua resposta. — É mais seguro pensar que ele não vai voltar.

— Mas e se voltar?

O grande anseio embutido naquela pergunta tão simples estava além do que ele poderia imaginar. E se ela chorasse? Repentinamente isso pareceu uma aterrorizante possibilidade. Como a faria parar? Akhmed tinha que mantê-la calma, manter-se calmo; o pânico, ele sabia, era capaz de se espalhar entre duas pessoas mais rápido do que qualquer vírus. Brincou com o cachecol da menina. De alguma forma, o cachecol havia sobrevivido ao fogo permanecendo tão laranja quanto no dia em que fora tingido.

— Bem, se ele voltar, direi onde você está. É uma boa ideia?

— Meu pai é uma boa ideia.

— Sim, ele é — confirmou Akhmed, aliviado por terem concordado em alguma coisa.

Eles caminharam lentamente pela estrada da floresta de Eldár, a principal via pública da vila, e suas pegadas começavam onde as marcas dos pneus terminavam. De ambos os lados ele via as casas por seus sobrenomes, não pelos endereços. Um rosto apareceu e sumiu em uma janela sem esquadria.

— Aperte firme o seu véu — instruiu ele.

Com exceção dos anos que passara na escola de medicina, Akhmed sempre vivera em Eldár e não confiava mais no tradicional sistema de clãs *teips*, que sobrevivera a um século de comando czarista e depois a um século de comando soviético, acabara desaparecendo em uma guerra de independência nacional. Ressuscitada em 1999, após uma trégua totalmente sem lei para ser chamada de paz, a guerra desgastou o clã *teip* da vila a tal ponto que toda lealdade, com exceção daquela de um pai por um filho, tornara-se fraca o suficiente para ser que-

brada. A exploração madeireira, única atividade estável da vila, foi interrompida assim que as primeiras bombas caíram, e, sem perspectivas viáveis, aqueles que não conseguiam emigrar sobreviviam fornecendo armas aos rebeldes ou informações aos agentes federais.

Ele passou o braço em torno do ombro de Havaa enquanto caminhavam. A menina sempre tinha sido forte e estoica, mas aquela resignação, aquela passividade, aquilo era outra coisa. Ela se arrastava, chutando a neve a cada passo, e em uma tentativa de animá-la Akhmed sussurrou uma piada sobre um imame cego e uma prostituta surda, uma piada que não era absolutamente apropriada para uma criança de oito anos, mas era a única da qual Akhmed conseguia se lembrar. Ela não sorriu, porém ficou escutando. Ele fechou o zíper da jaqueta que ela usava sobre um moletom que em Manchester, na Inglaterra, havia aquecido os ombros de cinco irmãos antes que o sexto, um devotado filantropo de seis anos, o doasse para a campanha da Cruz Vermelha da escola, obrigando sua mãe a comprar-lhe um novo.

No fim da vila, onde a floresta estreitava a estrada, eles passaram por um retrato de um metro de altura pregado em um tronco de árvore. Dois anos antes, depois que quarenta e um habitantes da vila desapareceram em um único dia, Akhmed desenhou quarenta e um retratos em quarenta e uma chapas de compensado, tornou-as à prova d'água e pendurou-as por toda a vila. Aquele era o de uma mulher bonita e presunçosa, de quem fizera o parto da segunda filha. Apesar de persegui-la por anos, ela nunca lhe pagou pelo parto. Depois que a mulher foi levada, ele decidiu desenhar em seu retrato um único pelo ondulado saindo de sua narina esquerda. Akhmed sorriu ironicamente para o fantasma da mulher vaidosa e assim fez as pazes com ele. Ela parecia um gigante decapitado olhando do tronco. Logo, não era mais do que dois olhos, um nariz e uma boca desaparecendo entre as árvores.

A floresta crescia ao redor deles, altas bétulas esqueléticas, espirais acinzentadas de casca se soltando dos troncos. Eles caminhavam ao lado da estrada, onde a vegetação rasteira crescia entre as pedras. Ali, fora das marcas de esteiras de tanques, as chances de pisar em uma mina terrestre diminuía. Ainda assim, Akhmed procurava por elevações no gelo. E andava alguns metros à frente da menina, só para garantir. Ele se lembrou de outra piada, esta sobre um delegado apaixonado, mas decidiu não contar. Quando Havaa começou a ficar para trás, Akhmed caminhou com ela para dentro da floresta por cinco minutos até chegarem a um tronco derrubado que não era visível da estrada. Quando se senta-

ram, ela pediu a mala azul. Ele a entregou e Havaa a abriu, fazendo um inventário silencioso de seu conteúdo.

— O que tem aí? — perguntou ele.

— Meus suvenires — respondeu ela.

Mas Akhmed não entendeu o que ela quis dizer. Desembrulhou um naco de pão preto seco de um lenço branco, dividiu-o em dois pedaços desiguais e deu à menina o maior. Ela comeu depressa. A fome era uma sensação instalada há tanto tempo em seu estômago que ele o sentia como se fosse um órgão inflamado. Ele não se apressou, transformando o miolo em uma pequena bola com a língua e encostando-a na bochecha, como uma pastilha. Uma vez que o pão não encheria seu estômago, poderia ao menos encher sua boca. Havaa terminara sua parte do seu pão antes que o homem desse a segunda mordida.

— Você não deveria ter pressa — disse ele. — Não existem papilas gustativas em seu estômago.

Ela parou para avaliar aquele argumento e então deu outra mordida.

— Não há fome em sua língua — resmungou entre as mordidas.

Com uma das mãos em forma de concha, ela recolhia as migalhas e as jogava de volta na boca.

— Eu odiava pão preto — disse ele.

Quando criança, Akhmed só comia pão preto se fosse besuntado com uma colherada de mel. Ao longo de um ano, sua mãe destruiu esse hábito cortando fatias maiores, até que seu café da manhã consistisse em um pequeno e triste oásis de mel em um deserto de pão preto.

— Posso ficar com o seu então?

— Eu disse que odiava, no passado — reforçou ele, e imaginou um pote repleto de mel em um balcão sem o menor sinal de uma tábua de pão.

Havaa se ajoelhou e examinou a parte inferior do tronco.

— Ula vai ficar bem sozinha? — perguntou ela.

Sua esposa não ficava bem sozinha, nem com ele, nem com ninguém. Akhmed acreditava que a mulher tinha, em termos técnicos, lúpus associado à demência precoce, mas na prática seus nervos estavam tão desequilibrados que seus cotovelos doíam quando ela falava e seu pé esquerdo era mais lúcido do que seu cérebro. Antes de sair naquela manhã, ele dissera a Ula que se ausentaria durante o dia. Quando ela o encarou com seu olhar entorpecido e desprovido de qualquer emoção, Akhmed sentiu-se como uma de suas muitas visões, seguiu-lhe a mão e descreveu de cor a plácida pastagem de uma pintura a óleo de

Zakharov, o jardim de ervas e o chalé, até que a mulher voltou a dormir. Quando acordasse novamente naquela manhã, ainda o veria sentado na cama ao seu lado? Talvez parte dele ainda estivesse lá, sentada na cama; talvez ele fosse algo com que ela havia sonhado.

— Ela é adulta — disse Akhmed, por fim, sem pensar muito. — Você não precisa se preocupar com adultos.

Atrás do tronco, Havaa não respondeu.

Ele sempre tentou tratá-la como uma criança e ela sempre concordou com isso, embora infância e inocência fossem criaturas fantásticas que tinham morrido havia muito tempo, ressuscitadas apenas em brincadeiras de faz de conta. Ela só estivera em uma escola nas ocasiões em que eles foram roubar carteiras para usar como lenha, mas, às vezes, Akhmed imaginava que os dois compartilhavam algo que era essencialmente a mesma sabedoria, separada por anos e experiência. Não era verdade, é claro, porém ele precisava acreditar que Havaa havia vivido além de sua idade, que ela poderia enfrentar o que ninguém é capaz de enfrentar aos oito anos. A menina se levantou do tronco sem olhar para ele.

— O que é isso? — perguntou Akhmed.

Ela ergueu cuidadosamente algo amarelo na palma da mão.

— Um besouro congelado — respondeu a menina, e o colocou no bolso do casaco.

— Para o caso de você sentir fome mais tarde? — brincou ele.

Ela sorriu pela primeira vez no dia.

Eles seguiam pela estrada e o passo acelerado da menina compensava a parada que haviam feito. Respirando fundo, ele tentava distinguir o que era fumaça de combustível e o que era borracha queimada. A luz do dia garantia um pouco de segurança. Eles não seriam confundidos com cães selvagens.

Os dois ouviram os soldados antes de verem o posto de inspeção. Akhmed levantou a mão. O vento preenchia os espaços entre seus dedos. Antes usada para transportar madeira, a estrada da floresta de Eldár ligava a vila à cidade de Volchansk. Os vãos entre os troncos das árvores forneciam os únicos pontos de saída entre a vila e a cidade, e nos últimos meses os agentes federais tinham reduzido sua presença a um único posto de inspeção. Ele ficava a meio quilômetro, no fim de uma curva fechada.

— Vamos voltar para a floresta — decidiu Akhmed.

— Para comer de novo?

— Apenas para andar. Precisamos ficar quietos.

A garota concordou fazendo um gesto com a cabeça e levou o dedo indicador aos lábios. A floresta inteira tinha congelado e caído no chão. Galhos retorcidos atravessavam a neve e arranhavam a pele dos dois enquanto eles percorriam um longo arco ao redor do posto de inspeção. Visível a partir das árvores, o posto não passava de uma lona murcha do exército presa a um tronco de álamo em uma tentativa frustrada de exibir um ar de legitimidade. Alguns soldados estavam no local. Atravessar o chão de folhas congeladas em silêncio seria impossível, mas os soldados, oito homens que, juntos, podiam compartilhar mais doenças venéreas do que palavras chechenas, não pareciam mais alerta do que machões insanos, e os dois voltaram à estrada duzentos e cinquenta metros após o posto de inspeção. O sol brilhava amarelo-gema entre as nuvens brancas. Quase meio-dia. As árvores pelas quais passavam se repetiam floresta adentro. Nenhuma era singular quando comparada à seguinte, todavia cada uma delas se mostrava única em algum pequeno aspecto: o número de galhos, a circunferência do tronco, a medida de folhas caídas ao redor de sua base. Nada além de pequenas particularidades, porém eram pequenas particularidades que transformavam dois olhos, um nariz e uma boca em um rosto.

As árvores se abriram em um campo amplo, dividido em dois pela estrada.

— Vamos andar mais rápido — disse Akhmed, e os passos da menina se apressaram atrás dele.

Eles estavam no meio do caminho, quase chegando ao outro lado quando se depararam com o traseiro decepado de um lobo. Mais adiante no campo, o sangue tingia a neve de um marrom-avermelhado. Nada havia se decomposto no frio. A cabeça e as patas dianteiras jaziam expostas no chão, ligadas ao traseiro do lobo por três metros de vísceras trituradas. O que sobrara da cara estava congelado com a expressão que o animal tinha quando morreu. A língua pendia da boca.

— Era um animal imprudente — disse Akhmed. Ele tentou olhar para o outro lado, mas havia lobo por toda parte. — Não prestou atenção nas minas terrestres.

— Nós somos mais cuidadosos — observou a garota.

— Sim, ficaremos na estrada. Não vamos caminhar pelo campo.

Ela estava perto de Akhmed. Seu ombro pressionava o corpo dele. Aquilo era o mais longe que Havaa já estivera de casa.

— Nem sempre foi assim — explicou ele. — Antes de você nascer havia lobos e pássaros e besouros e cabras e ursos e ovelhas e veados.

A neve pesada se estendia por uns cem metros até a floresta. Alguns caules secos subiam pelo gelo marrom, onde o lobo ficaria até a primavera. Com respirações pesadas eles davam forma ao ar. Nenhum profeta havia previsto aquele final. Nem o som de trombetas nem o bater de asas de serafins haviam anunciado aquele campo específico, com aquela menina específica, segurando especificamente sua mão.

— Eles estiveram aqui — disse Akhmed, olhando para o campo.

— Para onde os agentes federais os levam?

— Deveríamos continuar andando.

Mariposas brancas rodeavam uma lâmpada queimada.

A mão firme em seu ombro a acordou do sonho. Sonja estava deitada em uma cama de hospital na ala de traumatologia, ainda vestindo o uniforme médico. Antes de olhar para a mão que a tinha despertado, antes de levantar da marca que o corpo havia deixado na espuma fina do colchão, ela colocou a mão no bolso, mais por instinto do que por vontade, e sacudiu o frasco âmbar de pílulas como se seu conteúdo a tivesse seguido em seus sonhos e também precisasse despertar. As anfetaminas chacoalharam em resposta. Ela se sentou, consciente, afastando com piscadelas as asas das mariposas.

— Há alguém aqui que quer vê-la — anunciou por trás de Sonja a enfermeira Deshi, e começou a tirar os lençóis antes que a médica se levantasse.

— Quer me ver para quê? — perguntou ela, curvando-se para tocar os pés, aliviada por ainda encontrá-los ali.

— Agora ela pensa que eu sou secretária — disse a velha enfermeira, fazendo um aceno com a cabeça. — Logo vai beliscar meu traseiro, como aquele oncologista que botou para correr quatro secretárias em um ano. Uma profissão vergonhosa. Nunca conheci um oncologista que não fosse um hedonista.

— Deshi, quem está aqui para me ver?

A velha enfermeira levantou os olhos, perplexa.

— Um homem de Eldár.

— Sobre Natasha?

Deshi contraiu os lábios. Ela poderia ter dito *não* ou *não desta vez* ou *é hora de desistir*, mas em vez disso fez um gesto negativo com a cabeça.

O homem estava encostado na parede do corredor. Um *pes* azul-marinho muito pequeno com borlas de contas se apoiava na parte de trás de sua cabeça.

Seu casaco estava pendurado nos ombros como se ainda estivesse em um cabide. Parada atrás dele, uma menina inspecionava o conteúdo de uma mala azul.

— Sonja Andreyevna Rabina? — perguntou ele.

Ela hesitou. Havia oito anos que não ouvia nem pronunciava seu nome completo em voz alta. O homem continuou:

— Meu nome é Akhmed.

Uma barba negra curta cobria suas bochechas. Creme de barbear era um luxo inacessível para muitos; ela não poderia dizer se o homem era apenas pobre ou um rebelde ultraconservador *wahhabi*.

— Você é um dos barbudos? — perguntou Sonja.

Ela colocou a mão no bigode, sem jeito.

— Não, não. De jeito nenhum. Apenas não tenho feito a barba.

— O que você quer?

Com um aceno de cabeça, ele apontou para a garota. Ela usava um cachecol laranja, um casaco cor-de-rosa grande demais e um moletom do Manchester United, provavelmente, imaginou Sonja, originário das doações de peças que o Manchester organizou após a transferência de Beckham para o Real Madrid. A menina tinha a pele pálida, o aspecto de cera de uma pera ainda não madura. Quando Sonja se aproximou, Havaa havia aberto a mala, colocado as mãos lá dentro e retirado um objeto, que segurava fora do campo de visão da médica.

— Ela precisa de um lugar para ficar — disse Akhmed.

— E eu preciso de uma passagem para o Mar Negro.

— Ela não tem para onde ir.

— E eu não tenho um bronzado há anos.

— Por favor — pediu ele.

— Isto é um hospital, não um orfanato.

— Não existem orfanatos.

Por força do hábito ela se virou para a janela, mas não viu nada através das vidraças cobertas por fita adesiva. A única iluminação vinha das lâmpadas fluorescentes no teto, cujo tom azul fazia com que todos parecessem hipotérmicos. Aquilo era uma mariposa rodeando a luz? Não, ela estava apenas vendo coisas novamente.

— O pai dela foi levado pelas forças de segurança na noite passada. Para Landfill, provavelmente.

— Sinto muito.

— Ele era um bom homem. Cultivava árvores na floresta de Eldár antes das guerras. Não tinha dedos. E era muito bom jogando xadrez.

— Ele *é* muito bom jogando xadrez — retrucou a menina, encarando Akhmed.

A gramática era o único lugar onde poderia manter seu pai vivo, e depois de corrigir a afirmação de Akhmed ela se apoiou na parede e, com respirações curtas e certeiras, repetiu *é é é*. Seu pai era o rosto de suas manhãs e noites, ele era tudo, preenchendo de tal forma o mundo de Havaa que ela já não distinguia o pai do próprio ar.

Akhmed resumiu o arborista com breves lembranças, e Sonja o deixou ir mais longe do que normalmente faria porque ela também havia tentado ressuscitar alguém por recitação. Tentara recriar algo desenhando sua forma em cinzas e havia esperado que, compilando listas das comidas e músicas favoritas e dos hábitos irritantes de Natasha, a irmã poderia se materializar de modo espontâneo sob a pressão dessas particularidades.

— Sinto muito — repetiu ela.

— Os agentes não estavam procurando apenas por Dokka — disse ele em voz baixa, olhando para a menina.

— O que eles iriam querer com ela? — perguntou Sonja.

— O que eles querem com qualquer um?

A insistente importância que Akhmed conferia a si mesmo era familiar a Sonja; ela vira isso no rosto de muitos maridos, irmãos, pais e filhos, e estava feliz porque via isso ali, no rosto de um estranho, e não se sentia comovida.

— Por favor, deixe a menina ficar — pediu ele.

— Ela não pode.

Era a decisão certa, a responsável. Cuidar dos que estavam morrendo a sobre-carregava. Não se podia esperar que se dedicasse também aos vivos.

O homem olhou para os próprios pés com um ar de desapontamento que inexplicavelmente a fez lembrar-se de *b) substituição eletrofílica aromática*, a resposta da única questão da prova de química orgânica da faculdade que ela havia errado.

— Há quantos médicos aqui? — perguntou ele, aparentemente tentando uma nova abordagem.

— Uma.

— Para cuidar de um hospital inteiro?

Ela encolheu os ombros. O que ele esperava? Aqueles com mais especialização, economias pessoais e perspectivas de fugir já haviam feito isso.

— Deshi o administra. Eu apenas trabalho aqui.

— Eu era clínico geral. Não era cirurgião nem especialista, mas era licenciado. — Ele levou a mão à barba. Um farelo caiu. — A menina ficará com você e eu trabalharei aqui até que um lar seja encontrado para ela.

— Ninguém vai levá-la.

— Então continuarei trabalhando aqui. Eu me formei entre os dez primeiros da turma na faculdade de medicina.

Esse hábito que ele tinha de transformar súplica em comando já a aborrecia. Ela retornara da Inglaterra com seu nome completo oito anos antes e ainda recebia o respeito que tanto a surpreendera quando chegou a Londres para estudar medicina. Não importava que fosse mulher nem de etnia russa; como a única cirurgiã em Volchansk, era reverenciada, honrada e estimada na guerra como nunca seria na paz. E aquele médico camponês, aquele homem tão magro cuja espinha dorsal ela poderia sentir se socasse sua barriga, esperava sua submissão? Mais do que se ressentir de seu tom de voz, ela se ressentia da precisão de sua avaliação. Como a última de uma equipe de quinhentos, estava soterrada sob o peso de cuidar. Vivia à base de anfetaminas e leite condensado, tinha alucinações frequentes, dificuldade em criar empatia com os pacientes e havia visto casos suficientes de transtornos de estresse traumático secundário para se reconhecer como um deles. No fim do corredor, pela porta entreaberta da sala de espera, ela viu a barra de um vestido preto, um tênis cinza que um dia fora branco e um *hijab* verde que, em vez de cobrir o longo cabelo preto, servia de tipoia para o braço quebrado de uma jovem feita de ossos de passarinho e deficiência de cálcio que acreditava ser aquele seu vigésimo segundo osso quebrado, quando, na verdade, era apenas o vigésimo primeiro.

— Os dez primeiros? — perguntou Sonja, com uma quantidade nada pequena de ceticismo.

Akhmed assentiu ansiosamente.

— Nonagésimo sexto percentil, para ser exato.

— Então, diga-me, o que você faria com um paciente que não reage?

— Bem, hum, vamos ver — gaguejou Akhmed. — Primeiro o mandaria preencher um questionário para eu ter noção de seu histórico médico e de quaisquer distúrbios ou doenças que possa haver na família.

— Você daria a um paciente inconsciente e sem reação um questionário?

— Ah, não. Não seja tola — disse ele, hesitando. — Eu daria o questionário para a mulher do paciente.

Sonja fechou os olhos na esperança de que, quando os abrisse, aquele médico idiota e sua protegida tivessem desaparecido. Não teve sorte.

— Você quer saber o que eu faria? — perguntou ela. — Eu checaria as vias aéreas, depois a respiração e o pulso e, então, estabilizaria a coluna cervical. Em nove de dez casos me concentraria em estancar o sangue. Cortaria também a roupa do paciente para inspecionar o corpo inteiro à procura de ferimentos.

— Bem, sim — disse Akhmed. — Eu faria tudo isso enquanto a esposa do paciente estivesse preenchendo o questionário.

— Vamos tentar algo mais próximo do seu nível. O que é isto? — perguntou ela, levantando o dedão.

— Acredito que seja um dedão.

— Não — discordou ela. — É o primeiro dígito, composto por metacarpo, falange proximal e falange distal.

— É outra forma de dizer isso.

— E isto? — perguntou ela, apontando para o olho esquerdo. — O que você pode dizer sobre isto além do fato de ser meu olho, ser castanho e ser usado para enxergar?

Ele franziu a testa, incerto sobre o que poderia acrescentar.

— Pupila dilatada — respondeu, por fim.

— E eles se deram o trabalho de ensinar aos dez primeiros alunos do que as pupilas dilatadas podem ser um sintoma?

— Ferimentos na cabeça, uso de drogas ou excitação sexual.

— Ou, mais provavelmente, estão assim porque o corredor está mal iluminado. — Sonja deu um tapinha em uma pequena cicatriz na sua têmpora. Ninguém entendeu por quê. — E isto?

Ele sorriu.

— Não faço a menor ideia do que está se passando aí.

Ela mordeu o lábio e assentiu.

— Tudo bem — disse ela. — De qualquer maneira, precisamos de alguém para lavar lençóis sujos. Ela pode ficar se você trabalhar.

A menina estava em pé atrás de Akhmed. Na palma de sua mão um besouro amarelo repousava em uma piscina de gelo derretido. Sonja já se sentia arrependida de ter consentido.

— Qual é o seu nome? — perguntou em checheno.

— Havaa — respondeu Akhmed.

Ele empurrou suavemente a menina em direção a Sonja. Havaa se apoiou na mão de Akhmed, com medo de se aventurar além de seu alcance.

Um ano antes, quando Natasha desapareceu pela segunda e última vez, as primeiras estadas de uma e duas noites de Sonja na ala de traumatologia estenderam-se por semanas. Cinco semanas após ter deslizado a chave pela fechadura de duas voltas pela última vez, ela desistiu da ideia de retornar um dia. As doze quadras até seu apartamento poderiam muito bem ser o Saara. À sua espera havia um silêncio mais terrível do que qualquer coisa que ela já ouvira à mesa de cirurgia. Anos antes daquilo, Sonja posara com a mão erguida como se estivesse empurrando um distante Big Ben, para que na fotografia que seu noivo tirou parecesse que estava segurando a torre do relógio. Ele a tirara no oitavo de seus dezessete dias de noivado. A foto estava colada em cima da mesa de seu quarto, mas nem mesmo resgatá-la era o suficiente para atraí-la até sua casa. Viver na traumatologia também não fazia muita diferença. Ela já havia passado dezessete de suas dezoito horas acordada na ala. Conhecia mais intimamente os corpos que abria, tratava e fechava do que os próprios cônjuges ou pais do paciente, e aquela intimidade chegava tão perto da criação quanto o sopro da primeira palavra de Deus.

Por isso, quando se ofereceu para deixar a menina ficar com ela, quis dizer ali no hospital; e Havaa já sabia disso quando seguiu Sonja até seu quarto.

— Aqui é onde vamos dormir, certo? — confirmou ela, colocando a mala da menina ao lado dos colchões empilhados. Havaa ainda segurava o besouro.

— Tem alguma coisa na sua mão? — perguntou Sonja, hesitante.

— Um besouro morto — respondeu a menina.

A médica suspirou, grata, ao menos, por saber que não estava imaginando aquilo.

— Por quê?

— Porque o encontrei na floresta e o trouxe comigo.

— Mais uma vez: por quê?

— Porque ele precisa ser enterrado de frente para Meca.

Ela fechou os olhos. Não podia começar com isso naquele momento. Mesmo quando criança odiava crianças, e isso não tinha mudado.

— Voltarei mais tarde — avisou Sonja, e retornou para o corredor.

Pelo menos Akhmed foi rápido na troca de roupa. No tempo que ela levou para mostrar o quarto à menina, ele vestiu um uniforme médico bran-

co. Sonja o encontrou se ajeitando em frente ao espelho do corredor de entrada.

— Isto é um hospital, não um baile — disse ela.

— Nunca tinha vestido um uniforme médico antes. — Ele virou o rosto, porém o espelho capturou seu rubor.

— Como você conseguiu fazer residência sem vestir um uniforme médico? Ele fechou os olhos e seu rubor aumentou.

— Meus professores não levavam muita fé em mim. Nunca fiz o que você chamaria, exatamente, de residência.

— Não era isso que eu queria ouvir logo depois de ter aceitado você aqui.

— Sinto-me privilegiado por trabalhar aqui. — As mangas da camisa marcavam seu bíceps pálido. — Sempre achei que isto fosse mais folgado.

— É um uniforme feminino.

— Você não tem nenhum masculino?

— Nenhum homem trabalha aqui.

— Então estou vestindo roupa de mulher.

— Você terá que usar um *hijab* também. — O rosto de Akhmed empalideceu. — Estou brincando — acrescentou ela. — Um lenço de cabeça é suficiente.

Ele assentiu, não convencido. Era evidente que havia contratado um bobo da corte, mas ter um bobo da corte que podia lavar lençóis, arrumar camas e lidar com parentes era melhor do que não ter um bobo da corte.

— Você já esteve aqui antes? — perguntou ela, sem intenção de fazer mais do que um breve *tour* pelo hospital.

— Sim.

— Quando?

— Nasci aqui.

Sonja o conduziu pelas alas fantasmas: cardiologia, clínica geral, endocrinologia. Uma camada de poeira e cinzas marcava seu caminho.

— Onde está tudo? — perguntou ele.

Os quartos estavam vazios. Colchões, lençóis, injeções, batas cirúrgicas descartáveis, esparadrapo cirúrgico, ataduras, termômetros e bolsas de soro tinham sido levados para o andar de baixo. Tudo o que sobrara estava preso ao chão e incorporado às paredes, ao lado de itens sem uso prático: retratos de família, prêmios profissionais e diplomas emoldurados de escolas de medicina da Sibéria, de Moscou e de Kiev.

— Levamos tudo para a ala de traumatologia e para a maternidade — contou Sonja. — Elas são tudo o que podemos manter em funcionamento.

— Traumatologia e maternidade — afirmou Akhmed.

— É engraçado, não é? Todos estão trepando ou morrendo.

— Não, não é nada engraçado. — Ele coçou a barba, enterrando os dedos até a primeira articulação. Seus dedos encontravam o caminho da barba em momentos de dificuldade ou indecisão, vasculhando os pelos espessos e escuros, mas raramente alcançando a sabedoria. — Eles estão chegando e partindo, e isso está acontecendo aqui.

Os dois subiram uma escadaria banhada pela luz de emergência azul. No quarto andar, a médica levou-o pelo corredor até o lado oeste do edifício. Sem avisá-lo, abriu a porta do depósito. Ela sentiu algo alegre e malicioso quando ele deu um passo para trás, com medo de cair.

— O que aconteceu? — perguntou Akhmed.

O piso, arrebitado, acabava um metro depois da moldura da porta. Nada de paredes nem janelas, apenas a vista da cidade emoldurada pela brisa do inverno.

— Há alguns anos acolhemos rebeldes. Os agentes federais explodiram a parede em represália.

— Alguém se feriu?

— Maali. A irmã de Deshi.

— Só uma pessoa?

— Essa é a vantagem de se ter um quadro reduzido.

Na época em que ambos os lados mantiveram o cessar-fogo, ela foi até aquele vão de porta, olhou para toda a cidade e tentou identificar os edifícios por suas ruínas. Aquele cujos dez mil pedaços refletiam a luz do sol tinha sido um prédio comercial envidraçado onde novecentas e dezoito almas haviam trabalhado. Abaixo do minarete um corpulento imame orientara devotos na oração. Aquilo fora uma escola, uma biblioteca, a sede dos Jovens Pioneiros, uma cadeia, uma mercearia. Ali fora onde sua mãe a tinha alertado a nunca confiar em um homem que diz querer uma esposa inteligente; onde seu pai lhe ensinara a andar de bicicleta imitando o barulho do motor de um ônibus municipal se aproximando e prestes a atropelá-la se ela não pedalasse rápido o suficiente; onde ela havia resolvido sua primeira equação de álgebra para um professor da escola primária, um homem para quem os sucessos de Sonja eram um consolo sempre que ele se lamentava por não ter seguido os passos do irmão mais velho na profissão mais rentável de guarda penitenciário; onde ela gritara por socorro após testemunhar

um homem apunhalando outro no gramado da universidade e descoberto depois que eles eram alunos ensaiando uma peça de Ésquilo. Parecia uma cidade feita de caixas de sapato e derrubada por uma criança desobediente. Ela poderia ficar ali por toda a tarde reconstruindo-a, repovoando-a, até que a alucinação se tornasse a mais verossímil realidade.

— Antes não dava para enxergar o rio daqui — comentou Sonja. — Este hospital é o prédio mais alto da cidade agora.

Houvera prédios altos e projetos para se erguerem outros maiores. Após a dissolução da União Soviética, as reservas de petróleo prometiam prosperidade à Chechênia com a chegada do século capitalista. Iéltsin dissera às repúblicas que agarrassem o máximo de soberania que pudessem, e, após dois mil anos de ocupação estrangeira, parecia que a república, finalmente, conquistaria a independência. Os avós de Sonja haviam se mudado para Volchansk em 1946, depois que Stalin acrescentou o trabalho de motoristas de caminhão e de costureiras à crescente lista de profissões que precisavam ser purgadas, no entanto ela se sentia tão alegremente patriota quanto seus colegas de classe chechenos que podiam traçar suas árvores genealógicas desde as origens. Aquela sensação de otimismo vibrante era evidente nos projetos que haviam sido solicitados a arquitetos em Riad, Melbourne e Minsk. As autoridades municipais tinham transformado as plantas em atrações, exibindo-as em outdoors e distribuindo-as como panfletos no comércio. Sonja nunca vira algo parecido. Os rascunhos sugeriam que o ápice do design já não consistia em transformar uma batelada de concreto armado no retângulo mais feio possível. Certa vez, ela segurou um panfleto contra o horizonte e, quando o sol avermelhado atravessou o papel, as torres se tornaram parte do seu contorno.

— Eles queriam mesmo a menina? — perguntou ela, voltando a atenção para Akhmed.

Aquilo não a surpreendia, contudo Sonja indagara de qualquer forma. Desaparecimentos caíam aleatoriamente como raios. Apenas aqueles que eram, de fato, culpados por serem cúmplices da insurreição — uma fração infinitesimal dos sequestrados — tinham o benefício de entender seu destino.

— Isso não faz sentido — disse Akhmed.

Se ele havia se referido à sala sem chão, à cidade destruída adiante ou à garota, Sonja não sabia. Ao longe, um tênue fluxo de projéteis luminosos riscava o céu, desaparecendo nas nuvens.

— O dia do pagamento deve estar chegando — disse Akhmed.

Ela concordou. Os agentes federais só recebiam se usassem determinada porcentagem de sua munição. Se os soldados se cansassem de atirar às cegas para o alto, podiam enterrar o que sobrasse e desenterrar horas mais tarde para reivindicar a recompensa dada a quem descobria esconderijos de armas dos rebeldes.

— Vamos — disse Sonja.

Eles passaram pela maternidade original, sem uso desde a morte de Maali, e desceram as escadarias até a nova maternidade. Deshi baixou as agulhas de tricô e olhou desconfiadamente para Akhmed enquanto cruzava a sala para ir ao encontro dos dois. Após doze relacionamentos ao longo de seus setenta e três anos — cada um deles começando com um gesto sublime e terminando com um desgosto ainda mais espetacular —, Deshi aprendera a não confiar em homens de qualquer tamanho ou idade, de recém-nascidos a bisavôs, sabendo que todos tinham dentro de si a intenção de ferir o coração de uma mulher decente.

— Ele vai se juntar a nós? — perguntou Deshi.

— Provisoriamente — respondeu Sonja.

— E a menina?

— Provisoriamente.

— Você é a enfermeira — disse Akhmed, com brevidade. — Nos conhecemos mais cedo.

— Ele fala na hora errada, sem ser consultado — observou Deshi.

— Só quis dizer olá.

— Continua falando sem que se tenha falado com ele. E tem um nariz feio.

— Estou bem aqui — disse Akhmed, fechando a cara.

— Ele nos diz que está bem aqui. Como se tivéssemos nos tornado cegas ou idiotas.

— O que estou fazendo de errado? — perguntou ele a Sonja. — Só estou aqui.

— Ele parece acreditar que sua presença pode, de alguma forma, mudar a feiura de seu nariz, mas ver este nariz, bem aqui na minha frente, me proporciona uma prova irrefutável.

— O que devo dizer? — Ele olhou com desespero para Sonja.

Ela sorriu e virou-se para Deshi.

— Está vendo o jeito como ele olha para mim? — indagou Deshi, com a voz trêmula de indignação. — Ele está tentando me seduzir.

- Não estou fazendo nada disso. Só estou aqui!
- Negar é o primeiro impulso de um traidor.
- Você está citando Stalin — disse Akhmed.
- Está vendo? Ele é pervertido e stalinista.
- Não seja ridícula.
- Deve ser oncologista.
- Há poucos ramos na medicina mais importantes do que a oncologia.

Deshi pareceu perplexa.

— Olha só! — gritou ela. — Um pervertido, stalinista *e* oncologista? É demais. Não pode ser.

— Com todo o respeito, tenho trinta e nove anos e você tem idade suficiente para ser minha mãe. Não desejo ter nada além de uma relação profissional com você.

— Nenhum desejo? Primeiro ele me olha lascivamente, depois me insulta. Zombando de uma idosa como eu, ele não tem vergonha?

— Desculpe, está bem? Estou apenas tentando me entender com você.

Os lábios de Deshi formaram uma careta.

— Somente um homem fraco pede desculpas a uma mulher.

Os olhos de Akhmed estavam marejados quando Sonja interrompeu o diálogo.

Ele parecia mais chocado do que quando ela abriu a porta do depósito no quarto andar, e, em meio ao riso, a médica não conseguiu evitar sentir-se culpada por expor o homem a Deshi sem um alerta.

— Chega — disse ela. — Akhmed, esta é Deshi. Deshi, Akhmed. Vamos trabalhar.

— É um prazer — disse Deshi, e voltou à mesa ao lado da incubadora.

— O que há de errado com ela? — perguntou Akhmed quando a enfermeira estava a uma distância segura e não podia ouvir.

— E agora ele acha que há algo de errado com Deshi — disse Sonja. Um ar de terror surgiu em seu rosto. Sonja garantiu que a enfermeira estava brincando. — Uma vez ela se apaixonou por um oncologista. Não deu certo.

Uma mulher de cabelo escuro e oleoso estava deitada na primeira cama com uma criança sugando seu seio esquerdo. Ela puxou o lençol acima da cabeça do bebê quando os viu se aproximando.

— Está tudo bem — disse Sonja. — Ele também é médico.

— Mas é homem — replicou a mulher.

— Este hospital é um hospício — disse Akhmed, ao se virar.

A mulher fitou suas costas, não gostando da insinuação de que seu filho de três dias era maluco, e então baixou o lençol até o peito mostrando o rosto amassado da criança preso ao seu mamilo.

— O bebê está com fome — disse Sonja.

— Ele vai se acostumar com isso — disse a mulher, e fechou os olhos.

A mãe na cama seguinte dormia de lado, com o rosto meio afundado no travesseiro. Uma incubadora em um carrinho de metal estava ao lado de sua cama. Lá dentro, havia uma criança abaixo do peso e superaquecida, parecendo mais um pássaro esmagado do que um ser humano.

— Má nutrição uterina? — perguntou Akhmed.

— Nenhuma nutrição uterina. Desde que a segunda guerra começou, só tivemos umas poucas mães saudáveis o bastante para conseguir dar à luz crianças saudáveis.

— E imagino que os pais não sejam civis?

— Não é nossa política fazer essas perguntas. — Ela foi até a porta. Chegando ao corredor, parou onde havia uma lâmpada apagada. — Está vendo alguma mariposa aqui?

— O quê?

— Nada.

Em cinco semanas ela encontraria uma mariposa se agitando na cantina e não acreditaria que era real até que as asas fossem esmagadas pela palma de sua mão.

— A traumatologia é logo no final do corredor — disse ela.